

O grafo do gesto mental na teoria enunciativa de A. Culioli^{*,**}

The graph of the mental gesture in the enunciative theory of Antoine Culioli

Dominique Ducard

Université Paris XII – Val-de-Marne



RESUMO: Este texto é produto de uma comunicação realizada na “Journée d’études *Les linguistes et leurs graphiques*”, no Centro da Universidade de Chicago em outubro de 2007. São desenvolvidas reflexões em torno das noções de esquema, diagrama, forma esquemática, gesto mental, linguagem e gestualidade.

Palavras-chave: gesto mental, linguagem, gestualidade.

ABSTRACT: This text is the product of a communication delivered in the “Journée d’études *Les linguistes et leurs graphiques*” at Chicago University Center in October 2007. It is developed some reflections on the notions of scheme, diagram, schematic form, mental gesture, language and gestures.

Key words: mental gesture, language, gestures.

Preâmbulos

O desenvolvimento que darei a meu título exige que tenhamos em mente o modelo epistemológico dos três níveis de representação que organiza o método linguístico e funda as hipóteses interpretativas sobre a linguagem (Figura 1).

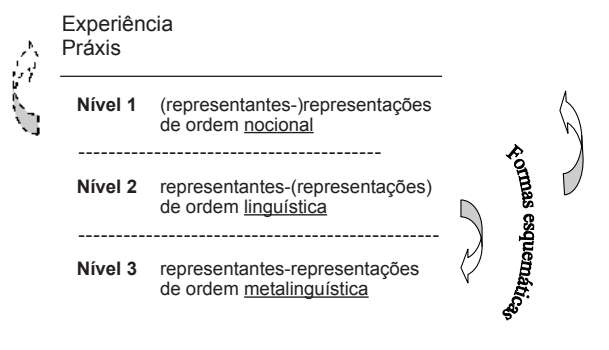


Figura 1. Modelo dos níveis de representação

Legenda: O linguista, a partir de observações e de manipulações controladas dos representantes linguísticos (nível 2) e por meio ou raciocínio e da conceitualização metalinguística, reduz estes a formas esquemáticas que são, por hipótese, representantes-representações (nível 3) que podem simular as representações nocionais (nível 1) que geram os enunciados no momento da atividade enunciativa, ela mesma dependente da experiência e da práxis dos sujeitos.

Também é conveniente fornecer um apanhado dos grafos – termo que Culioli emprega preferencialmente – e mostrar, com base em um exemplo, sua função de interpretante (no sentido de Peirce).

O primeiro (Figura 2), que podemos considerar como um esquema fundamental na teoria, representa a construção de um domínio nocional de acordo com uma distribuição em zonas vizinhas e uma orientação em relação a um centro organizador que determina o que é o interior do domínio, com seu complementar, o exterior, e, entre os dois, uma fronteira que pode ser uma zona de transição, ou que pode se reduzir a uma fronteira sem dimensão, concebida como um limiar, um limite ou uma borda. Esse zoneamento, que figura em um espaço-plano, corresponde a uma topologia dinâmica elementar que remete a posições e movimentos. Na asserção, positiva ou negativa, que consiste em afirmar que alguma coisa é x, por meio de uma operação de validação, o enunciador constrói um interior por oposição a um exterior, o que não é x (diferente de, vazio, ausência), com eventualmente um entremeio.

* Tradução de Consuelo Vallandro Barbo; revisão de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Fabíola Castro de Oliveira; revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores.

** Comunicação realizada na “Journée d’études *Les linguistes et leurs graphiques*”, Centro da Universidade de Chicago, Paris, sexta-feira, 12 outubro de 2007.

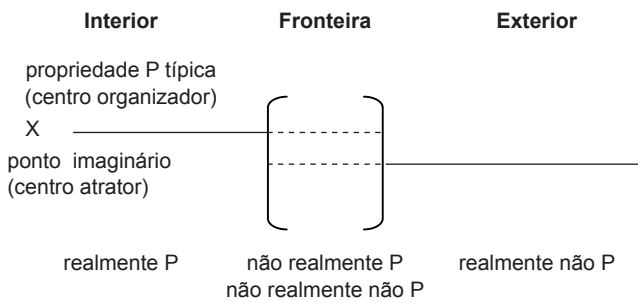


Figura 2. Esquema da construção de um domínio nocional

Ao reduzir a fronteira a um ponto, obtém-se uma figura de ramificação, com dois caminhos possíveis a partir desse ponto e, por dedução, uma via de saída, em nenhuma das duas ramificações. Foi a essa esquematização que recorri em um estudo dos valores da forma *n'importe quoi* da língua francesa, e cujas variações¹ vou apresentar.

Sem me estender na demonstração, direi apenas que esse estudo me possibilitou resgatar a noção de *engajamento* na Linguística (ou “responsabilização”), completada pela noção de *investimento*, ligada à intensidade e ao que Culioli chama de *força assertiva*.

Tomemos um exemplo de interlocução em que um faz-tudo, chamado com urgência para consertar um vazamento na casa de seu vizinho e amigo, diz a este que procure algo para estancar temporariamente o vazamento. Se o vizinho lhe perguntar sobre esse algo, ele pode responder: “O que você achar, *qualquer coisa*,² mas rápido”. Imaginemos que o vizinho volte com jornal; nosso faz-tudo exclamará “*Qualquer coisa mesmo!*” (com a prosódia). A primeira ocorrência de *qualquer coisa* está baseada na construção de um existente possível validável, de alguma coisa que tem a qualidade-de (Figura 3: esquema A); a segunda ocorrência baseia-se nessa qualidade e invalida o valor referencial por desvalorização.³ Temos então uma reconfiguração das zonas com existente desqualificado (enquanto inadequado) e uma preponderância da qualidade (Figura 3: esquema B). Tomemos agora o contexto de uma inimizade profunda entre dois ex-amigos em consequência de uma traição antiga e da intransigência moral daquele que se sentiu lesado. Imaginemos que este último é convidado a visitar seu inimigo íntimo e que alguém vem lhe dizer: “Então, finalmente você aceitou o convite”, ao que ele replicará com veemência e indignação: “Você está louco!” (com uma entoação distinta), ao que se poderia acrescentar “você não pensa, o que você está imaginando, está pensando que eu sou o quê, você bebeu, ...”. Temos, então, um “*N'importe quoi!*” de ruptura enunciativa, com uma desqualificação do co-enunciador. Não se trata de um simples descomprometimento em relação à declaração do outro, por uma saída da zona do interior do domínio de validação para colocar-se no exterior, mas

de um distanciamento do espaço de validação, por um questionamento do outro enquanto *alter ego*. O que chamei de *fora do sujeito da enunciação*, jogando com o vínculo entre o fora de propósito ou de questão e o distanciamento do sujeito enunciador⁴ (Figura 3: esquema C).

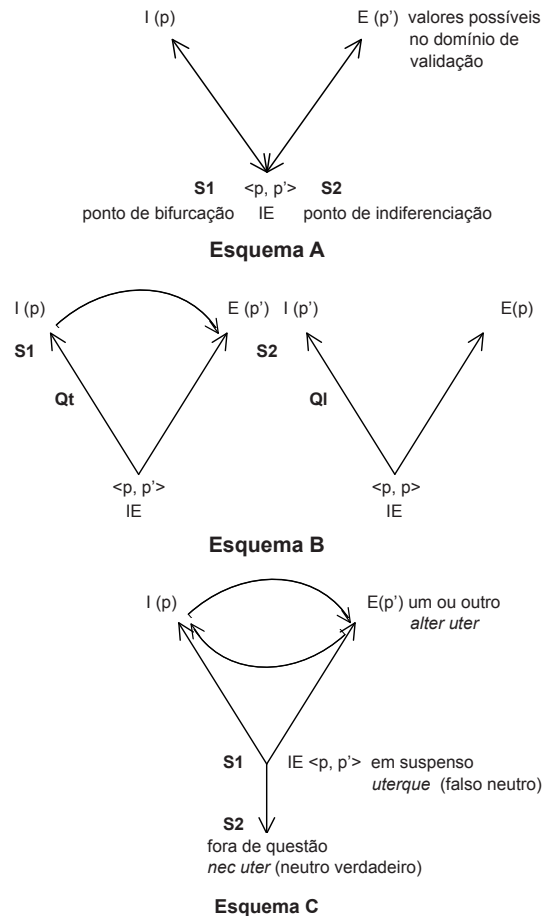


Figura 3. Formas esquemáticas de *n'importe quoi*

Falemos também da formação da sequência “*N'importe quoi*”, a partir do predicado *importer* [importar], cuja etimologia (*in-portare*) e história mostram a ligação entre a representação do que relacionamos a um domínio por uma localização abstrata e pelo valor de desencadeamento e de consequência (o que importa é o

¹ Vide Dominique Ducard, “*N'importe quoi!*” Le hors-sujet de l'énonciation”, comunicação feita no colóquio internacional *La notion de prise en charge en linguistique*, Université Antwerpen, de 11 a 13 janeiro de 2007, registrado nos Anais do colóquio.

² Todas as expressões que estão grifadas em itálico referem-se aos sentidos diferentes da expressão *n'importe quoi* do francês. [N.T.]

³ Poderíamos imaginar este diálogo entre os dois protagonistas: “Vai buscar alguma coisa para estancar o vazamento. – O quê? – Não sei... *qualquer coisa*, rápido! – Olha, achei isso. (com jornal na mão) – O que é isso? Você está me gozando. Isso é *qualquer coisa mesmo!* – Mas você me disse para lhe trazer *qualquer coisa*. – Ah, eu pedi *qualquer coisa*, e isso é realmente *qualquer coisa!*”

⁴ A glosa metalinguística poderia ser, com um enunciador X e um co-enunciador Y: você não está achando/imaginando mesmo que p seja o caso, sendo p a representação de X, consecutivo a um enunciado de Y, da representação atribuída a Y do que X diz /faz/ pensa.

que tem importância para – ou em relação a). O inversor de negação *ne* conduz ao ponto de indiferenciação ou de negligência (*n'importe*), e o pronome indefinido *quoi* remete ao percurso dos valores “instanciáveis”.

Dessas breves observações, extraídas de um exemplo apresentado rapidamente, conservemos os vínculos estabelecidos entre marcadores, valores, representações e ações.

Esquema, diagrama, gesto

Algumas referências filosóficas de autores familiares a Culioli me permitirão, antes de trazer seu ponto de vista, apontar as principais questões envolvidas no método do linguista no âmbito de uma teoria do conhecimento. Os autores escolhidos serão guias para passar do esquema à noção de *diagrama* e, então, à de *gesto*.

Bachelard⁵ considera a *abstração* como característica do espírito científico, cujo encaminhamento é “Tornar geométrica a representação” para alcançar uma “zona intermediária” entre os fatos e as leis. Em sua formação do espírito da ciência, ele distingue três estados: *o estado concreto*, *o estado concreto-abstrato* e *o estado abstrato*, aos quais ele acrescenta, segundo o ponto de vista da psicologia da *paciência* científica, três estados de espírito. O último, aquele do “espírito que não consegue abstrair e quintessenciar”, marca a realização da abstração, que é “um dever, o dever científico, a posse enfim purificada do pensamento do mundo!”⁶ Quando o destino do espírito científico se realiza plenamente: “*No estado de pureza realizada por uma Psicanálise do conhecimento objetivo, a ciência é a estética da inteligência*”.⁷

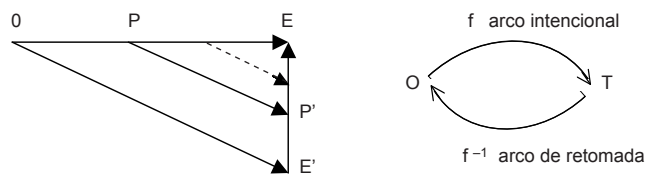
No método científico de Culioli, a esquematização é uma representação formal, em um sistema metalinguístico, de representações mentais que participam do pensamento geométrico segundo Bachelard, mas já presente, ativa, sem ser observável diretamente.

Dagognet⁸ propôs, em seus estudos sobre as iconografias na história das ciências e das artes, a função heurística da “esquematização diagramática”, cujas duas operações de inscrição e de abreviação ele destaca. O método científico implica a busca de um sistema de transcrição que instaure uma nova inteligibilidade. Pela formalização, “O símbolo deixa enfim de ser um meio de fixação, de lembrança ou de redobrimento: é cada vez mais um “corpo ideal” que podemos manipular diretamente”.⁹

A forma esquemática é assim bem mais que uma notação sintética e figurativa, para melhor compreender ou fixar as idéias, ela dá o que pensar e sugere novas pistas para a observação e o raciocínio. Ela não fecha definitivamente uma demonstração como tampouco aparece como simples ilustração, ela vem durante a análise para vislumbrar seu resultado, abrindo para outros pontos de vista.

É em J. T. Desanti que encontro uma definição do diagrama que me parece dever ser mantida para meu propósito. Em *Réflexions sur le temps. Variations*

philosophiques 1 (Reflexões sobre o tempo. Variações filosóficas 1), ele se refere ao diagrama do tempo em Husserl, no § 10 de *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps* (Lições para uma fenomenologia da consciência íntima do tempo) (Figura 4), que é apresentada como uma “representação gráfica do modo de constituição da consciência de duração do objeto de tempo que *escoa*”.¹⁰ Desanti se pergunta então “como *ler* esse diagrama?”, que não é uma representação do Tempo, mas a representação da “conexão dos atos intencionais específicos das modalidades de constituição da consciência de um objeto de tempo”.¹¹ A figura gráfica pode ser apreendida em si mesma, como um “ser geométrico simples e bem definido”, uma “figuração estática”, ou na medida em que ela representa outra coisa. Nesse caso, convém interpretá-la e determinar fenomenologicamente os modos de correspondência entre os pontos das duas linhas. É com essa condição que ela pode ser considerada um diagrama, ou seja, um “indicador de exigências de relações”.



J.-T. Desanti: leitura “dinâmica” do “diagrama do tempo” segundo Husserl (§ 10 das *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*, 1905)

“circuito da abertura” (Desanti)

Figura 4. O diagrama do tempo

(Ref.: Desanti, J.-T. *Réflexions sur le temps. Variations philosophiques 1*, Grasset, 1992)

⁵ Vide Gaston Bachelard, *La formation de l'esprit scientifique/ A formação do espírito científico*. Paris: Vrin, 1970.

⁶ Eis a descrição feita por Bachelard desses três estados de espírito: “*Espírito pueril ou mundana*, animada pela curiosidade ingênua, maravilhada diante do menor fenômeno instrumentado, brincando de Física para distrair-se, para ter um pretexto para uma atitude séria, acolhendo as ocasiões do colecionador, passivo até na felicidade de pensar.

Espírito professoral, orgulhoso de seu dogmatismo, imóvel em sua primeira abstração, apoiado para sempre nos sucessos escolares de sua juventude, abordando cada ano seu saber, impondo suas demonstrações, ao/com o interesse dedutivo, argumento tão cômodo para a autoridade, ensinando seu empregado doméstico como faz Descartes, ou o burguês comum como faz o professor doutor da Universidade.

Enfim, *o espírito com dificuldade de abstrair e de quintessenciar*, consciência científica dolorosa, entregue aos interesses indutivos sempre imperfeitos, fazendo o jogo perigoso do pensamento sem suporte experimental estável; a todo o momento incomodado pelas objeções da razão, questionando sem parar um direito particular à abstração, mas tão certo de que a abstração é um dever, o dever científico, a posse enfim purificada do pensamento do mundo!” (G. Bachelard, “Discours préliminaire”, op. cit., p. 9).

⁷ *Idem*, p. 10.

⁸ Vide François Dagognet, *Écriture et iconographie*, Paris: Libairie philosophique, J. Vrin, 1973.

⁹ *Idem*, p. 124.

¹⁰ *Réflexions sur le temps. Variations philosophiques 1*, Paris: Grasset, 1992, p. 135.

¹¹ *Idem*, p. 136.

Eu diria que o diagrama está relacionado com um objeto de representação em razão das correlações que o intérprete estabelece entre os elementos da figura. Um diagrama é uma *forma* de relações.

A definição de Peirce do diagrama segue a mesma linha:

Um diagrama é o ícone de um conjunto de objetos racionalmente relacionados. Entendo por *racionalmente relacionados* que há entre eles não apenas simplesmente uma dessas relações que conhecemos por experiência, mas nem sempre sabemos como abarcar, mas uma dessas relações com as quais qualquer um é capaz de pensar em uma figura conhecida interior.

A isso ele acrescenta: “O diagrama representa uma Forma definida de Relação”. A relação é ordinariamente uma relação que existe, como em um mapa, ou uma relação que se tem a intenção de fazer existir [*is intended to exist*], como em um plano”.¹²

Ao afastar o caráter figurativo do diagrama em benefício da indicação de relações, definindo-o como “a ‘imagem’ de uma forma somente”, a filosofia de Susan Langer¹³ nos convida a distinguir na figura diagramática, de um lado, a notação gráfica, de outro, a forma de um pensamento. Culioli diz que essa modelização está “no meio do caminho entre o ‘desenho’ e o que tem propriedades formais”.¹⁴

Colocarei, portanto, o diagrama do lado da forma de pensamento, um sistema de relações cuja forma esquemática é um representante, e o grafo do lado de sua notação gráfica, dentro do que os historiadores anglo-saxões das ciências chamam de “inscription devices”.¹⁵ Essa distinção lembra a diferença claramente estabelecida na antiguidade grega (Platão, Aristóteles) entre o objeto geométrico que a proposição visa a construir e sua representação material, com duas palavras para designar a figura, uma para a figura como “objeto geométrico” (*eidos*, forma enquanto oposta à matéria ou substância *hulê*; forma “real” enquanto oposta à forma-aparência, sonho, fantasma: *morphè*), e uma outra para a figura-desenho (*skhêma*: forma enquanto figura exterior, figura geométrica, gesto).¹⁶ Ressaltemos sobre isso, fazendo eco com o que foi dito sobre o papel da forma esquemática, que a história das ciências traz casos de prefigurações matemáticas, figuras visuais que dão acesso, *a posteriori*, a realidades matemáticas ignoradas na época em que essas produções gráficas apareciam nos textos.¹⁷

A expressão *figura diagramática* permite remeter a uma experiência de pensamento que o filósofo das ciências Gilles Châtelet, citado por Culioli como uma referência maior sobre essa questão, extraiu através de seus estudos dos matemáticos e físicos (Grassman, Faraday, Maxwell):¹⁸ “A experiência de pensamento levada a cabo é uma experiência *diagramática* em que

se torna manifesto que um diagrama é para si mesmo sua própria experiência”.¹⁹

Para tanto, é preciso, afirma G. Châtelet, preparar-se para aprender “colocar-se no estado em que a conexão das coisas ressoe sobre a conexão do espírito”.²⁰ Para compreender o movimento de abstração que é o diagrama como experiência, é preciso apreender o *gesto* que ele tenta captar.

Um diagrama pode imobilizar um gesto, colocá-lo em repouso, bem antes que ele se recolha dentro de um signo, e é por isso que os geômetras ou os cosmologistas contemporâneos apreciam os diagramas e seu poder de evocação peremptória. Eles captam os gestos em pleno vô; para aqueles que sabem ser atentos, são os sorrisos do ser.²¹

O gesto tem caracteres que fazem dele um operador dinâmico do conhecimento, ancorado no corpo e em suas imagens, fornecedor de sentidos por analogia, indicador de virtualidades, fonte de alusões. Segundo G. Châtelet, ele não é substancial: ele é inaugural (abre aos problemas), é uma modalidade do “se mover”, é elástico, envolve e esboça seu desdobramento, suscita outros gestos. Ele permite assim revelar “todo esse falar com as mãos” (melhor “falar *nas* mãos”), é “uma prática simbólica sob o formalismo, prática de condensação e de ampliação de intuição”.²²

Essa maneira de ver e conceber, por apreensão intuitiva da natureza diagramática dos fenômenos, tende a apagar a oposição do sujeito e do objeto, e coloca o observador em um dentro-fora, nem pura interioridade, nem completa exterioridade.

Essa posição é notável na atividade de linguagem, em que o sujeito é movido por movimentos de representações na língua – fora da língua também –, pela palavra e pelo discurso, e se coloca ao mesmo tempo a distância por um jogo de retornos reflexivos, ou metalinguageiros.

¹² C.S. Peirce, “Prolegomena for an Apology to Pragmatism”, in C. Bisele (Ed.), *The new elements of Mathematics*, La Haye: Mouton Publishers, [1906] 1976, p. 316, citada por J.P. Narboux, “Diagrammes, dimensions et synopses”, *Texte littérature enseignement*, n. 22, *penser par le diagramme de Gilles Deleuze à Gilles Châtelet*, PUV, 2004, nota 14, p. 136.

¹³ Susan Langer, *Philosophy in a new key*. A study of the symbolism of reason, rite and art. Cambridge: Harvard University Press, 1942, reed. 1979, cap. 3 e 4, citada por J.P. Narboux, op. cit., nota 8, p. 135.

¹⁴ Seminário (apresentação oral), 22/03/2006.

¹⁵ T. Lenoir, ed., *Inscribing Science. Scientific Texts and the Materiality of Communication*, Stanford University Press, 1998, citado por Jeanne Peiffer em “Rôles des figures dans la production et la transmission des mathématiques”, *Images des mathématiques*. Paris: CNRS ed., 2006.

¹⁶ Agradeço a Sophie Vassilaki por ter verificado esses empregos nos textos gregos.

¹⁷ Vide o artigo de J. Peiffer.

¹⁸ Gilles Châtelet, *Les enjeux du mobile. Mathématiques, physique, philosophie*. Paris: (coll. Des travaux) Seuil, 1993.

¹⁹ *Idem*, p. 36.

²⁰ *Idem*, p. 30.

²¹ *Idem*, p. 33.

²² *Idem*, p. 34.

A teorização de Culioli visa a fazer esses diferentes níveis encontrarem-se, com esse agente duplo que é o epilinguístico,²³ respondendo, pelo grafo da forma esquemática, à exigência de relações que é o diagrama, segundo Desanti, e à experiência de pensamento que é o gesto, segundo Châtelet.

Da forma esquemática ao gesto mental

Focalizando as afirmações de Culioli,²⁴ vou lembrar as propostas que resumem sua posição. Os termos de um enunciado são marcadores de operações e de representações que são redutíveis a formas abstratas, esquemáticas, providas de propriedades. A forma esquemática de um marcador permite apreender aquilo que organiza o desdobramento de seus valores constitutivos, segundo uma “deformação coerente”, para retomar uma expressão que Merleau-Ponty, citando Malraux, aplica à criação linguística dos escritores.

Trata-se então de partir de unidades descontínuas para reencontrar, através de uma representação abstrata, a continuidade subjacente à sua gênese e, ao contrário, de captar como a forma esquemática estruturada se diferencia em valores distintos, por seleção e estabilização de possíveis.

A forma esquemática é uma maneira de conduzir a intuição fenomenológica à sua dimensão formal, por geometrização, é pelo menos a questão que se coloca A. Culioli: “Os sistemas de coordenadas são uma recuperação formal das intuições?”²⁵

Essa matematização qualitativa dos fenômenos dá acesso aos “gestos mentais” subjacentes às formas percebidas. A noção de *gesto mental* se apoia na hipótese fundadora de que a atividade de linguagem é o produto de uma atividade simbólica por gestos, segundo um processo de transmutação de uma sensorial-motricidade interiorizada em representações mentais e cujos termos linguísticos são traços verbais. A. Culioli refere, para qualificar esse lugar intermediário de passagem do corporal ao simbólico, ao receptáculo que é a *khōra* em Platão (*Timée*) – um vazio à espera de –, e que designa aquilo que se situa entre o sensível e o inteligível.

A linguagem em si é uma atividade de modelização, de elaboração de esquemas mentais, e a tarefa do linguista é, assim, modelizar essa modelização. Nessa perspectiva, “A forma esquemática, diz A. Culioli, possibilita construir a identificação de gestos mentais”.²⁶ Para tal, o linguista dispõe de um certo número de positivities: gestos concretos, formas verbais empíricas, origens etimológicas, que guardam os traços de estados antigos, objetos técnicos e ações ligadas a práticas, hábitos, tradições.

Citarei esse trecho da não-conclusão que Culioli deu ao colóquio de Cerisy que lhe foi dedicado,²⁷ na qual a relação estabelecida entre os marcadores, seus

valores e as representações associadas ao gesto aparecem claramente:

Tomemos um outro exemplo de correlação entre um grafo e um texto. Em russo, *vrjad li* <p> corresponde a “é incerto, pouco provável que p”. *vrjad* pode se traduzir por “em fila, de frente”, o que nos remete a p – p’; ao passo que *li* marca que se está relacionado com algum bifurcável (aqui p / p’). Assim, é possível traduzir *vrjad li* <p> por “dada (1) a referência situacional marcada por *li* (2) o caminho ordenado p → p’ (*vrjad*...), o todo marca que não se pára em p (“é o caso”) nem que se vai até p’ (“não é o caso”), mas que se está entre os dois valores, do lado de p’. O porquê de “incerto”, “pouco provável”. Já à palavra russa para dúvida (*somnenie*) foi empregada (em russo antigo) para traduzir a grega *eulabeia* (circunspecção, receio) ou *deos* (receio). Em *eulabeia* encontram-se *eu* (bem) e *lambanein* (pegar): proceder (dar um jeito, abordar uma situação com prudência). Basta pensar nos arqueólogos que fazem escavações, com pincéis flexíveis, com gestos comedidos, a fim de que o que está suspenso não se perca; ou então naqueles que desarmam minas: eles têm uma atitude constituída de precisão e de receio, mas sabem que estão em uma zona incerta, de transição, na qual gestos delicados são necessários; resumindo, eles sabem dar um jeito, eles resolvem a situação para realizar bem seu trabalho.

De um lado, os grafos que apresentam uma dinâmica, do outro, sujeitos que realizam uma tarefa cujo fim é duvidoso. Enquanto linguista, minha tarefa é reunir os marcadores e sua história com condutas em que se é levado a medir riscos em relação às situações teleonômicas. Gestos, ações, valores, histórias, representações, uma atividade de ordem corporal e mental, eis o domínio delineado por meu programa de trabalho.²⁸

Agora gostaria de ampliar a hipótese central do *gesto mental*, indicando algumas linhas de convergência com estudos sobre a natureza gestual da linguagem.

²³ Por analogia com o estatuto da pulsão em Freud, é possível considerar a noção de epilinguístico como uma noção limite, entre o mental e o linguístico. Ele designa a parte não-consciente da atividade de linguagem, em sua função de organização e de passagem: “Epilinguístico, precisa Culioli, remete ao fato de que nossa atividade de representação e de reação às representações de outrem e de reação a nossas representações nunca cessa. Há uma atividade permanente, talvez mesmo quando dormimos, e “epi” significa que vem lá de cima facilitar os caminhos” (“De l’énunciation à la grammaire subjective. Entretien avec Antoine Culioli”, Dominique Ducard, *Entre grammaire et sens. Etudes sémiologiques et linguistiques*, Paris, HDL, Ophrys, 2004, p. 13).

²⁴ Eu me baseio aqui nas notas tomadas durante o seminário da ENS nesses últimos anos. É possível também se reportar aos estudos de caso reunidos nos três tomos de *Pour une théorie des opérations énonciatives*, T. 1, T. 2, T. 3, HDL, Ophrys, 1990 e 1999, a ser completo por duas séries de entrevistas: Culioli, A. *Variations linguistiques. Entretiens avec Frédéric Fau*, Klincksieck, Paris, 2002; Culioli, A. et Normand, Cl. *Onze rencontres sur le langage et les langues*, HDL, Ophrys, 2006.

²⁵ Seminário ENS, 19/03/1996.

²⁶ “Autour d’un objet”, comunicação, Seminário TOPE, 17/03/06.

²⁷ A. Culioli, “Ceci n’est pas une conclusion”, *Antoine Culioli. Un homme dans le langage*, D. Ducard e Cl. Normand dir., HDL, Ophrys, 2006, 367-372.

²⁸ *Idem*, p. 371-372.

Linguagem e gestualidade

Bernard Rimé,²⁹ que fez estudos experimentais em psicologia social sobre a gestualidade na comunicação verbal (experiências de interação sem visibilidade recíproca, de restrição de movimentos, de comparação entre indivíduos segundo a competência linguística), contrapôs à hipótese de uma comunicação não-verbal autônoma ou de uma “linguagem do corpo” o ponto de vista segundo o qual a atividade gestual faz parte integrante do processo de representação e elaboração do pensamento verbalizado. Ele afirma especificamente que as propriedades do referente (forma, relações, localização), no momento do *processo de atualização* das representações que correspondem às formas linguísticas, aparecem no gesto. Essa atividade analógica, inerente à atividade de linguagem, manifesta-se através do que se poderia chamar de *esboços* de representações de objetos, de eventos, de estados, dependentes da experiência cujo sentido é preciso comunicar.

Esse ponto de vista vai ao encontro da hipótese de uma *coativação* da linguagem e dos gestos (Mc Neill)³⁰ a partir da experiência sinestésica do locutor, já que os gestos condutores servem de forma continente para a verbalização. Os *gestalts* esboçados no espaço pelo locutor remeteriam a representações imaginárias pré-verbais facilitando o acesso às formas verbais às quais elas estão associadas.

Para satisfazer seu modelo de integração da experiência corporal no processo de simbolização, B. Rimé acrescenta ao mundo geométrico e técnico, construído por categorização e conceitualização lógica, que recebe atenção dos estudos clássicos de psicologia cognitiva, um mundo dinâmico e vetorial, concebido segundo um “modo afetivo, interoceptivo, postural, motor”:

Dessa forma, aquilo de que trata o locutor quando evoca seu referente na comunicação, são bem menos formas simbólicas ou conceituais, assim como geralmente foi considerado, que representações globais que comportam, além desses aspectos simbólicos e conceituais, importantes elementos interoceptivos, posturais e motores, traço das motivações, atitudes e estados emocionais experimentados por esse sujeito através de suas experiências do referente (ver Fig. 2).³¹

A hipótese de A. Culioli vai mais além, na restituição da integralidade psico-corporal à linguagem, pois não se trata somente de uma matriz dupla, conceitual e dinâmica, das representações comunicáveis pela gestualidade ligada à palavra, mas de uma atividade simbólica de linguagem que tem sua fonte em imagens abstratas, de ordem sensório-motora e afetiva, e cujos agenciamentos de marcadores linguísticos são os traços, nos textos, segundo as situações, para uma língua particular.

Uma outra abordagem pode assim ser feita com a teoria da evolução da linguagem como sistema gestual. Michael C. Corballis³² propõe uma visão geral partindo de uma protolinguagem, constituída essencialmente por componentes manual e facial, pontuada por gestos articulatórios, até uma linguagem em que o componente vocal, por ajuste e controle voluntário, assumiu a posição, liberando assim a mão para outras tarefas, dentre as quais a de descrever a fabricação de ferramentas, ou sequências de ação por mimese, a vocalização podendo acompanhar as demonstrações visuais. Os gestos, tanto os da mão e da face quanto os gestos vocais, fariam referência, então, inicialmente a ações mais do que a objetos e teriam se “convencionalizado”,³³ por abstração, durante as trocas, segundo um processo de socialização. Os gestos respondem, assim, além da sua função indexical, a uma função icônica.

Outros pesquisadores desenvolveram a hipótese de que as primeiras unidades de uma linguagem de comunicação eram gestos visíveis, ou gestos vocais ou então, mais provavelmente, os dois juntos. Destacarei a tese da natureza gestual do signo, seja visual ou falado. D.F. Armstrong, W.C. Stokoe e S.E. Wilson³⁴ resumem sua posição teórica em algumas proposições: (1) a essência da linguagem é a atividade corporal, (2) os gestos físicos de produção de sinais são os meios pelos quais as linguagens falada e de signos são produzidas, (3) a produção e a percepção dos gestos visíveis têm um papel essencial na compreensão da evolução da cognição, da consciência e da linguagem, (4) as descontinuidades de todo tipo devem ser questionadas: a evolução prefere construir a partir de sistemas existentes a inventar novos.

Segundo essa concepção, a linguagem é profundamente enraizada, ontogeneticamente e filogeneticamente, na sua base corporal, e uma descrição linguística que se coloca do ponto de vista do gesto e da atividade neuromuscular permite unificar a teoria, não separando os níveis de análise (fonológica, morfológica, sintática, semântica). O gesto é com efeito compreendido como

²⁹ Vide “Langage et communication”, *Psychologie sociale*, Serge Moscovici dir., Paris: PUF, [1984], 1998, p. 437. Também é possível se referir a Rimé B., “Nonverbal communication or nonverbal behaviour? Towards a cognitive-motor theory of nonverbal behaviour”, *Current issues in European social psychology*, S. Moscovici et W. Doise éd., Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

³⁰ Vide a apresentação feita a respeito disso por Guy Barnier em “L’analyse du geste et de ses médiations: aspects communicationnels”, *Geste, cognition et communication, Nouveaux actes sémiotiques*, n. 52-53-54, 1997.

³¹ “Langage et communication”, *op. cit.*, p. 437.

³² Michaël C. Corballis, *From hand to mouth, the origins of language*, Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2002. Vide também em artigo resumido “Evolution of language as gestural system”, *Marges linguistiques*, n. 11, maio 2006, M.C.M.S. Editora, p. 218-229, [na internet] <http://www.marges-linguistiques.com>

³³ “The transformation from iconic to abstract may be termed *conventionalization*” (*From hand to mouth*, p. 52).

³⁴ D.F. Armstrong, W.C. Stokoe, S.E. Wilcox, *Gesture and the nature of language*, Cambridge University Press, 1995.

uma atividade neuromuscular de ordem semiótica (desde os gestos de comunicação espontâneos até os gestos mais convencionais) ou de ordem linguística (para os signos visíveis ou vocais convencionalizados). O signo verbal, na palavra, é uma unidade funcional que corresponde a uma classe de equivalência de movimentos coordenados que são executados com vistas a um fim.

A hipótese mais geral seguida é a da cognição incorporada,³⁵ segundo a qual a cognição depende das experiências ligadas a um corpo dotado de capacidades sensório-motoras variadas, em um contexto ambiental biológico, psicológico e cultural, e remete mais especificamente à idéia de ação encarnada (*embodied action*) ou enação. Ressaltando a função da ação sensório-motora na percepção e a cognição que deriva e que subentende a linguagem, Armstrong *et alii* recorrem à noção de *imagens-esquemas* (*image schemata*), que não são, conforme esclarecem, relações abstratas entre símbolos e uma realidade externa, objetiva, mas se referem ao que organiza nossa experiência e nossa compreensão ao nível da percepção corporal e do movimento. Essas imagens-esquemas incorporadas (*embodied image schemata*), que remetem a um campo perceptual incluindo o visual, o auditivo e o sinestésico – talvez fosse necessário acrescentar outros registros da percepção (tátil, olfativa, gustativa) –, traduzem a natureza intermodal da linguagem.

Nessa teoria da natureza gestual da linguagem, o gesto prototípico é o da mão e do braço (*manual-brachial gesture*), modelo do gesto visível, com sua sintaxe (*grasping syntax*), que comporta, como na linguagem de signos, dois componentes: *what is active* (uma mão ou duas mãos ou outras partes do corpo) e *what it does* (o movimento e a ação dessa parte), respondendo assim a um esquema *Agente-Ação* ou, dado o caráter frequentemente transitivo do signo (que toca, roça, agarra ou atinge uma outra parte do corpo), em esquema *Agente-Ação-Paciente* (Objeto). Frente à questão de saber como, do ponto de vista da evolução, pode-se fazer a passagem entre a possibilidade de produzir e de reconhecer gestos visuais ou vocais, na comunicação, para designar e denominar objetos, acontecimentos, estados, categorizados e significados por signos distintos, e a combinação desses elementos para significar relações conceituais, os autores afirmam que a ação sensório-motora compreende em si mesma um esquema pré-sintático que contém, em germe, a sintaxe elementar dos enunciados: “nela, alguma coisa faz alguma coisa a alguma outra coisa”, eles afirmam a respeito da ação das mãos e dos braços.³⁶

É preciso também evocar o precursor, um pouco esquecido, que é Marcel Jousse, com sua antropologia do gesto.³⁷ Essa antropologia baseia-se na “lei da *Inter-ação universal*”: o Cosmos, o universo é composto de interações imbricadas, as quais o Antropos, que é “um

animal interacionalmente mímico” recebe sob a forma de gestos elementares divididos em três fases, Agente – Agindo – Agido, em que se encontra a sintaxe do signo visível descrita anteriormente. As interações do Real ambiente são por *intussuscepção* (de *susplicere*: receber/colher, e *intus*: de um movimento que leva ao interior de si mesmo), reproduzidas *globalmente* em interações mímico-cinéticas e *oralmente* em interações mímico-fonéticas. A evolução da expressão e da comunicação humana se resume à passagem de uma primeira expressão corporal, de uma “Corporagem” a uma segunda, por especialização, que é a “Manualagem”, depois à “Linguagem” por transposição dos Mimemes, pela gestualidade laringo-bucal, em fenômenos. O pensamento e as operações do espírito (memória, imaginação, raciocínio) são apenas “reatuações” de Mimemes conscientes ou inconscientes. Acrescentemos que essa maneira de ver não separa o gesto concreto e a abstração intelectual. A expressão humana é necessariamente abstrata já que puxa para fora do objeto o que ele contém como gesto, ela é uma “Abstração Concreta”.

Jousse buscou suas lições de antropologia do Mimismo (ou Mimismilogia) nas tradições de estilo oral, particularmente pelo estudo das liturgias e das recitações, baseando-se nos três mecanismos que são o ritmismo, o bilateralismo e o formulismo. “O estudo aprofundado desses meios [os povos no estado da expressão gestual], afirma ele, revelaria que o homem é “o animal semiológico” por excelência. Sua linguagem primordial é uma “gesticulação significativa”. O Antropos é o feitor de signos para comunicar uma atitude “inteligida”.³⁸

A idéia jousiana de que as metáforas são apenas transferências de gestos, ou ainda, a observação segundo a qual a etimologia pode nos reconduzir ao mimismo: “reencontrar sob as raízes das palavras o gesto das coisas subjacente”³⁹ parecem-me estar de acordo com uma certa maneira de recorrer, em Culioli, à investigação etimológica, não como uma prova em si, mas como uma glosa que permite confirmar o raciocínio sobre os traços fornecidos pela história das formas.

Para concluir por um retorno ao modelo epistemológico dos três – ou melhor, quatro – níveis, após esses desvios com vistas à abordagem, para a reflexão, aparece que o objetivo que a teoria das operações enunciativas pode se fixar não é somente de metarrepresentar, particularmente através de formas esquemáticas, as representações e

³⁵ Vide F.J. Varela, E. Thompson & E. Rosch, *The embodied mind: cognitive science and human experience*, Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

³⁶ “in it something does something to something else, or SVO – the seed of syntax” (Armstrong *et alii*, p. 181).

³⁷ Marcel Jousse, *L'Anthropologie du geste*, Paris: Gallimard, 1974. A obra é constituída, em grande parte, pelos cursos de M. Jousse, reunidos por ele mesmo desde 1955.

³⁸ *Idem*, p. 83.

³⁹ Marcel Jousse, *L'Anthropologie du geste, II. La manducation de la parole*. Paris: Gallimard, 1975, p. 49.

as operações de nível 1 que geram agenciamentos de marcadores linguísticos, mas também reduzi-las, por hipótese, a experiências corporais e a condutas humanas no espaço-tempo. É o sentido da introdução do *gesto mental*, cujo *grafo* é uma figura diagramática, em uma teoria linguística da enunciação, que é também uma teoria da morfogênese do sentido, na perspectiva de uma antropologia cultural da linguagem.

Referências

- ARMSTRONG, D.F.; STOKOE, W.C.; WILCOX, S.E. *Gesture and the nature of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1970.
- BARNIER, G. L'analyse du geste et de ses médiations: aspects communicationnels. *Geste, cognition et communication, Nouveaux actes sémiotiques*, n. 52/54, 1997.
- CHATELET, G. *Les enjeux du mobile: Mathématiques, Physique, Philosophie*. Paris: coll. Des travaux, Seuil, 1993.
- CORBALLIS, M.C. Evolution of language as gestural system. *Marges linguistiques*, M.C.M.S. éditeur, n. 11, p. 218-229, maio 2006. [on line] <<http://www.marges-linguistiques.com>>.
- CORBALLIS, M.C. *From hand to mouth, the origins of language*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2002.
- CULIOLI, A. Ceci n'est pas une conclusion. In: DUCARD, D.; NORMAND, Cl. (Dir.). *Antoine Culioli. Un homme dans la langue*. Paris: Ophrys, HDL, 2006. p. 367-372.
- CULIOLI, A. *Pour une théorie des opérations énonciatives*. Paris: Ophrys HDL, 1990 et 1999. t. 1-3.
- CULIOLI, A. *Variations linguistiques*. Paris: Klincksieck, 2002.
- CULIOLI, A.; NORMAND, Cl. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys, HDL, 2006.
- DAGOGNET, F. *Écriture et iconographie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1973.
- DESANTI, J.T. *Réflexions sur le temps. Variations philosophiques I*. Paris: Grasset, 1992.
- DUCARD, D. *Entre grammaire et sens. Etudes sémiologiques et linguistiques*, Paris: HDL, Ophrys, 2004.
- DUCARD, D. N'importe quoi! Le hors-sujet de l'énonciation. *La notion de prise en charge en linguistique*. (à paraître).
- Inscribing Science. Scientific Texts and the Materiality of Communication*. T. Lenoir (Ed.). Stanford: Stanford University Press, 1998.
- JOUSSE, M. *L'Anthropologie du geste*. Paris: Gallimard, 1974.
- JOUSSE, M. *L'Anthropologie du geste, II. La manducation de la parole*. Paris: Gallimard, 1975.
- LANGER, S. *Philosophy in a new key. A study of the symbolism of reason, rite and art*. Cambridge: Harvard University Press, 1979 [1942].
- NARBOUX, J.P. Diagrammes, dimensions et synopsis. *Texte littérature enseignement* n. 22, *penser par le diagramme de Gilles Deleuze à Gilles Châtelet*. PUV, 2004. p. 115-141.
- PEIFFER, J. Rôles des figures dans la production et la transmission des mathématiques. *Images des mathématiques*, Paris: CNRS, 2006.
- PEIRCE, C.S. Prolegomena for an Apology to Pragmatism. In: BISELE, C. (Ed.). *The new elements of Mathematics*. La Haye: Mouton Publishers, [1906] 1976.
- RIMÉ, B. Nonverbal communication or nonverbal behaviour? Towards a cognitivo-motor theory of nonverbal behaviour. In: MOSCOVICI, S.; DOISE, W. (Éd.). *Current issues in European social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- RIME, B. Langage et communication. In: MOSCOVICI, Serge (Dir.). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1998 [1984].
- VARELA, F.J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *L'inscription corporelle de l'esprit*. Paris: Seuil, 1993.

Université de Paris XII – Val-de-Marne
61, avenue du Général De Gaulle
94010 – Créteil – França

Recebido: 14-03-08
Aprovado: 04-12-08